

A PSICANÁLISE NO MUNDO, EM PORTUGAL E NA LUSÓFONA

José Martinho

Psicanalista, Professor Catedrático Convidado do Departamento de Psicologia da ULHT e Director do seu Centro de Estudos de Psicanálise.

Este texto tem como objectivo principal dar a conhecer ao leitor alguns dos problemas que agitam nos dias hoje os herdeiros espirituais de Freud e, simultaneamente, informá-lo do trabalho que tem vindo a ser realizado no Centro de Estudos de Psicanálise do Departamento de Psicologia da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT).

A psicanálise no mundo

Sigmund Freud nasce na Primavera de 1856 em Freiberg, e morre no Outono de 1939 em Londres, depois de ter sido perseguido pelo nazis em Viena, cidade onde viveu a maior parte da sua vida e que foi o berço da sua invenção.

Esta invenção, que se tornou a mais estável das grandes referências do pensamento do século xx, contém um paradoxo: o sujeito da psicanálise não é o indivíduo autónomo, possuidor de um livre arbítrio; porém, para se saber algo da sua alienação constituinte, é necessário que a sua fala seja totalmente livre, cláusula que só encontra uma garantia objectiva em países que salvaguardam constitucionalmente a liberdade de expressão.

Assim, não é por acaso que seja nas democracias ocidentais que o movimento psicanalítico se tenha podido implantar e desenvolver, sobretudo graças aos grupos que se formaram sob a égide da Associação Psicanalítica Internacional (IPV), criada por Freud e Ferenczi em 1910, e dominada desde a Segunda Grande Guerra Mundial pelo potentado anglo-americano (localizado essencialmente no eixo Londres/Nova York/Chicago), que lhe dará o nome pela qual é hoje conhecida, *International Psychoanalytical Association (IPA)*.

Para sair do gueto vienense e mostrar o carácter universalista da psicanálise àqueles que começavam a chamá-la «ciência judia», Freud colocou Jung na Presidência da IPA. Desde logo, surgiram celeumas, que culminaram com o abandono por Jung da IPA e da psicanálise. A patologia institucional gerada pela confusão entre problemas científicos e políticos, levou à criação, em 1913, de um Comité Secreto (formado por Freud, Ferenczi, Rank, Sachs, Abraham, Jones, ao qual se veio juntar, em 1919, Eitington), que instaurou normas para os candidatos a analistas e a sua supervisão. Mas depois da dissolução deste Comité, à medida que a Internacional se tornava um instrumento de uniformização, que obliterava diferenças linguísticas, nacionais e individuais, assistiu-se ao próprio afastamento de Freud da Associação que tinha criado.

Após Freud, outras reacções ao controlo que a IPA foi exercendo sobre a psicanálise a nível mundial foram surgindo, resistências a que muitas vezes se quis atribuir motivos pessoais, ou regionais, mas que tiveram essencialmente a ver com a imposição de regras *standard* para a formação do psicanalista, a direcção da cura-tipo e os estatutos que deviam reger as instituições em cada país.

Mas qualquer que seja a concepção que façamos do modo como a IPA promoveu a psicanálise, o que sempre se verificou foi a necessidade de um embrião de Estado de direito, e, pelo menos, de duas vias para a sua penetração, a médica e a cultural.

Quando a psicanálise entra num país pela via da medicina, ela instala-se normalmente no terreno da psiquiatria, estende-se para a psicologia, e tende a aderir a um ideal de pragmatismo terapêutico. Quando a psicanálise penetra pela via cultural, torna-se muitas vezes uma disciplina académica, uma pseudo-filosofia, ou um instrumento de estudos literários de onde quase toda a experiência clínica é evacuada.

A conjugação destas duas tendências com a psicanálise propriamente dita nem sempre se pôde realizar devidamente, mas entre todos os países em que tal se efectuou, foi certamente em França que se atingiu o mais alto nível, graças ao ensino de Jacques Lacan, ele mesmo psiquiatra clássico, grande orador e escritor, intelectual extremamente culto, psicanalista original e *leader* carismático.

Apesar dos seus cerca de 7.000 terapeutas, repartidos por 30 países e 72 Sociedades, a IPA já não é hoje em dia o único veículo da transmissão da doutrina freudiana, nem a única instituição capaz de garantir a formação do psicanalista, como reconheceu finalmente o seu penúltimo Presidente, Horacio Etchegoyen¹.

Sobretudo a partir da «excomunhão» de Lacan pela IPA em 1963, exclusão que conduziu à segunda cisão do movimento psicanalítico francês, uma orientação lacanianiana foi-se impondo progressivamente no campo freudiano, penetrou noutros países que não a França (primeiramente na Bélgica, Espanha, Itália, Argentina, Venezuela e Brasil), e acabou por dar origem, em Janeiro de 1992, à criação, por Jacques-Alain Miller, da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), que compreendia, segundo o seu Anuário de 1995, cerca de 600 membros repartidos por 20 países, 5 Escolas e 30 grupos.

A principal consequência do cisma iniciado em 1963 é que o movimento psicanalítico internacional ficou por largos anos dividido entre lacanianos e não lacanianos.

Assiste-se contudo hoje, dentro e nas margens das Sociedades da IPA, ao aparecimento de psicanalistas que procuram fugir à esclerose institucional, técnica e doutrinária que se seguiu à morte dos grandes mestres que viveram em Londres (Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott), recorrendo a autores como Bion ou Kohut, ou estudando mais ou menos clandestinamente Lacan, de modo a poderem encontrar uma outra seiva de vida. Por outro lado, alguns lacanianos têm tentado ultimamente uma aproximação a certos membros da IPA, de modo a trocar informações e obter vantagens comuns. Falta de princípios dizem uns, tentativa de diálogo dizem outros; não se pode no entanto concluir

que este *new deal* tenha sido até agora um *great deal*, porque a divisão das águas se acentua ao nível institucional, teórico e clínico.

Independentemente dos problemas internos aos psicanalistas, aquilo que se vislumbra no mundo é sobretudo o ressurgimento da anti-psicanálise, em particular nas duas vias acima evocadas: a psiquiatria está cada vez mais enfeudada no discurso da ciência, da biologia molecular à psicofarmacologia; a psicologia dominante, isto é, a que estuda o comportamento (emotivo, cognitivo, etc.) humano, prefere antes dialogar com os neurofisiologistas que com os psicanalistas; e a cultura civilizada voltou outra vez as costas à psicanálise, para se lançar em novas interrogações que a dispensam.

Mas apesar do aspecto «seita» que aqueles que não são da «capela» denunciam, a psicanálise cresce, havendo cada dia mais pessoas interessadas por ela.

A psicanálise em Portugal

Está ainda por fazer uma História da Psicanálise em Portugal; razão pela qual me limitarei aqui a colocar alguns marcos e a traçar algumas pistas.

Começemos pela pré-história. Se deixarmos de lado José Custódio de Faria (1776-1819), Abade português que se tornou um dos pioneiros do hipnotismo em França, podemos dizer que o interesse moderno pela psicologia começou entre nós durante a República, quando foram criados, nas Faculdades de Letras, cursos de Psicologia Experimental para apoiar a formação de professores, considerados pela ideologia da época como os verdadeiros reformadores do Homem e da Sociedade. Foi ainda neste quadro, que pedagogos como António Sérgio, futuro Ministro da Instrução, foram enviados como bolseiros para o Instituto Jean-Jacques Rousseau em Genebra para perfazerem a sua formação.

A Psiquiatria foi também uma disciplina acarinhada pelos republicanos, não só devido à sua contribuição para a salubridade pública, como pelo facto de muitos psiquiatras partilharem as ideias liberais, caso de Miguel Bombarda, Director do Manicómio de Lisboa, grande figura da Maçonaria e Chefe Civil da Revolução de 5 de Outubro.

Mas o primeiro político republicano a interessar-se explicitamente pela psicanálise, foi o neurologista e futuro Prémio Nobel António Egas Moniz (1874-1955), que, a partir de 1915, deu lições sobre Freud na Faculdade de Medicina de Lisboa; em 1921, num artigo intitulado *O Conflito Sexual*, Egas Moniz revela mesmo ter utilizado (sem análise pessoal) o divã, a associação livre e a interpretação dos sonhos; e a partir de 1924, comprova o seu interesse pela «psicanálise aplicada», publicando textos sobre o Abade Faria, Júlio Dinis e Camilo Castelo Branco. Além de Egas Moniz, sabe-se ainda que psiquiatras como Sobral Cid, Pulido Valente, ou Diogo Furtado, mostraram curiosidade pela compreensão psicanalítica das doenças mentais.

¹ Cfr. Entrevista de Jacques-Alain Miller e R. Horácio Etchegoyen: *Silence Broken*, <http://www.ifiimit.com/amp/english/vertex.htm>.

No que diz respeito a um interesse não directamente clínico pela psicanálise, descobriram-se recentemente quatro cartas de resposta (datando dos anos 1924-29) de Freud a Abel de Castro, seminarista e professor de liceu que preparava um volume sobre *A Valorização Do Esforço*. E é um facto bem conhecido hoje que Fernando Pessoa, João Gaspar Simões e Fernando Namora foram leitores de Freud. Em resumo: para além de todos aqueles que no começo e meados do século desenvolveram especulações sobre as relações entre o santo, o génio e o louco, ou entre o homossexual e o artista, sabe-se que houve um certo número de médicos e intelectuais portugueses que foram seduzidos pelas ideias freudianas, mas que tal atracção à distância não teve consequências clínicas e culturais relevantes no nosso país.

Por outro lado, no seu combate contra as «almas dilaceradas pela dúvida e o negativismo do século», o Estado Novo, a Igreja Católica e as «pessoas de bem» sempre foram hostis ao que se chamou a «obsessão libidinosa» de Freud e o «pansexualismo» da psicanálise; são disso provas manifestas a preventiva «nota explicativa da intenção do tradutor» de Osório de Oliveira quando da publicação do primeiro livro de Freud em Português (*Os Três Ensaios Sobre A Teoria Da Sexualidade*, Ática, 1932), ou o ensaio de António Serras Pereira sobre *A Psico-Análise E A Educação Moral* (1932).

Orgulhosamente sós, sem empenhamento nas práticas nem acesso directo às obras sobre as quais se poderia fundar uma opinião justa, os portugueses fizeram sobretudo da psicanálise, até aos anos 50, um lugar comum de riso e polémica.

A partir dos anos 50, alguns médicos portugueses estabelecem residência no estrangeiro no intuito de fazerem a sua formação psicanalítica. Entre estes, encontram-se Francisco Alvim e Pedro Luzes (que fazem o seu treino em Genebra), João dos Santos (Paris) e Eduardo Luís Cortesão (Londres), que importará também a técnica grupalítica.

São Francisco Alvim e Pedro Luzes que se encarregam dos primeiros tratamentos analíticos praticados no nosso país e introduzem definitivamente a psicanálise em Portugal. Juntamente com dois colegas de Espanha, formam a Sociedade Luso-Espanhola de Psicanálise (1957) e, uma vez esta extinta, criam o Grupo de Estudos que dará origem à Sociedade Portuguesa de Psicanálise (SPP, 1971), da qual assumem, respectivamente, os cargos de Presidente e Secretário (cabendo a João dos Santos a função de Vice-Presidente).

Para passar de Sociedade Provisória (1977) a Sociedade Componente (1981) da Associação Psicanalítica Internacional, a SPP teve de respeitar as regras por esta estabelecidas (por exemplo: apenas eram admitidos candidatos médicos como membros de uma Sociedade autónoma), e receber a visita regular de conselheiros e colaboradores estrangeiros (na sua maioria francófonos) como Raymond de Saussure, René Diatkine, Pierre Luquet, Pierre Marty, ou Serge Lebovici.

À partida, apesar de um certo número de iniciativas levadas a cabo para se fazerem conhecer publicamente, os psicanalistas portugueses

mantiveram-se discretos. De facto, mesmo se dissiparam algumas dúvidas quando obtiveram o reconhecimento das autoridades oficiais por Parecer científico dos Professores de Psiquiatria de Lisboa, Porto e Coimbra, e das três Secções Regionais da Ordem dos Médicos, eles encontravam-se numa conjuntura política desfavorável, confrontados com inúmeras dificuldades burocráticas, e em oposição a todos aqueles que aplaudiram o «auto da fé» de Berlim.

A aparição científica a nível europeu surge apenas em 1968, quando o então denominado Grupo de Estudos Psicanalíticos Português foi encarregado de organizar o 19º Congresso dos Psicanalistas de Línguas Românicas; mas é só com o 25 de Abril de 1974 que a SPP pôde começar a alargar as suas iniciativas ao nível da clientela privada, assim como pôr a funcionar em Lisboa o seu Instituto de Psicanálise (1975). Pouco a pouco, com a Revolução dos cravos, o panorama muda: o ensino da psicanálise penetra nas Universidades e no Instituto Superior de Psicologia Aplicada; Simpósios e Colóquios são organizados regularmente, e um «órgão» da Sociedade começa a vir a lume em 1985. A SPP – então representante única e credenciada da psicanálise em Portugal – recolhe os frutos que prudentemente semeou: vai dominar todos as instituições e sectores socio-profissionais abertos à palavra de Freud.

Depois de amistosos diferendos entre freudianos «clássicos» (Francisco Alvim, João dos Santos) e kleinianos (Pedro Luzes), a via bioniana vinga na SPP, em grande parte graças ao mais jovem, eclético e mediático dos seus analistas didactas, Carlos Amaral Dias.

Nos últimos anos, a SPP tem vindo a vincar a sua acção nas áreas da psicanálise de crianças (onde à obra que João dos Santos e António Coimbra de Matos levaram a cabo no Centro de Saúde Mental Infantil e Juvenil de Lisboa se juntou o ensino de Florence Bégoïn, Jean Bégoïn e Annie Anzieu), da profilaxia da toxicodependência, da Saúde, da Educação, da Justiça e dos Serviços Sociais.

É só no fim dos anos 60 que o pensamento de Lacan penetra na Faculdade de Letras de Lisboa, pela via do «estruturalismo», graças a Eduardo Prado Coelho e alguns outros professores universitários, como Maria Alzira Seixo, sob a responsabilidade da qual se efectua a primeira tradução lusitana de um texto do célebre psicanalista francês (*O Estádio Do Espelho in O Sujeito, O Corpo E A Letra*, Arcádia, 1977). Apesar do interesse relativo que Lacan despertará nesta época em certos intelectuais da nossa praça, o certo é que – se exceptuarmos algumas escassas citações ao nível da filosofia e do jornalismo – nenhum ensaísta, poeta, romancista ou artista português dará a devida importância ao que este ensinou (ao contrário do que aconteceu em muitos outros países).

É Maria Belo, membro da antiga Escola Freudiana de Paris, a primeira a animar, durante os anos 70, um pequeno grupo de inspiração lacaniana, denominado Percurso Freudiano, no qual participaram, entre outros, Eduardo Prado Coelho, José Gabriel Pereira Bastos e Brigitte e Tito Cardoso e Cunha. Em colaboração com a Editora Assírio

& Alvim, lançam a colecção «Pelas bandas da psicanálise», traduzindo para esta *A Família e O Mito Individual Do Neurótico*. Por razões ainda mal analisadas, este grupo dissolveu-se rapidamente, arrastando atrás de si e durante mais de dez anos todo o real interesse por Lacan em Portugal.

Deste modo, foi só depois do meu regresso a Lisboa, após vinte anos de estadia em Paris, onde realizei a minha formação universitária e psicanalítica, que foi fundada, em Fevereiro de 1988, a primeira Associação destinada a promover explicitamente os significantes de Lacan em Portugal, a Antena do Campo Freudiano² (ACF). Num primeiro momento, como o seu nome sugere, a Antena dedicou-se essencialmente a receber e difundir informações provenientes da transferência de trabalho de todos aqueles que seguem uma orientação psicanalítica rigorosamente lacaniana nos quatro cantos do planeta. Após a constituição de um núcleo de trabalhadores decididos, a ACF começou a formar novos psicanalistas, capazes de erguer em Portugal as bases de uma futura Escola Lacaniana. As actividades culturais da ACF são actualmente de três tipos: animação de Seminários de estudos psicanalíticos, organização de Ciclos de Conferências internacionais e edição de publicações regulares (traduções, livros, uma revista e uma folha informativa).

Através da criação do Centro de Estudos de Psicanálise da ULHT, a ACF pôde, também instalar o ensino de Lacan na Universidade privada portuguesa, que precedeu desta forma a Universidade estatal e concordatária. São essencialmente membros da ACF, como João Peneda e José Manuel Rodrigues Alves (o primeiro a defender em Portugal, sob a direcção de Acílio Estanqueiro Rocha, uma tese de doutoramento sobre Lacan), que farão que este ensino penetre posteriormente na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, no Instituto Politécnico de Bragança e na Universidade de Braga.

Quatro anos depois da fundação da ACF, Maria Belo cria um novo grupo em Lisboa, o Centro Português de Psicanálise, que ficará vinculado à Associação Psicanalítica Internacional, um dos sucedâneos da dissolução por Lacan da Escola Freudiana de Paris.

Com este duplo movimento, uma alternativa à SPP começa a firmar-se em Portugal, mesmo se ainda são poucos aqueles que trabalham o ensino de Lacan com uma paixão propriamente psicanalítica.

Resta lembrar que existem ainda gravíssimas falhas de informação no nosso país relativas à obra de Freud e dos seus continuadores, lacunas que continuam a alimentar a polémica dos leigos em torno da psicanálise, mas também os preconceitos de muitos especialistas da saúde mental.

A psicanálise na Universidade Lusófona

Depois de ter estado ligada às opções de certos responsáveis de cadeiras, a investigação e o ensino da psicanálise na ULHT faz-se hoje essencialmente através do Centro de Estudos de Psicanálise (CEP), grupo de trabalho que resultou de um Protocolo de Cooperação assinado, em Janeiro de 1995, pela Antena do Campo Freudiano e o então denominado Curso de Psicologia da ULHT.

Desde a sua fundação, colaboraram no CEP psicanalistas nacionais e estrangeiros pertencentes às principais instituições e correntes do pensamento freudiano, técnicos e intelectuais de diversas áreas, docentes (Paulo Sargento dos Santos, Nuno Colaço, Manuela Cruz, Luís Robert, Filipe Pereirinha, etc.) e discentes da ULHT, assim como estudantes desejando desenvolver as suas pesquisas no campo da psicanálise.

O CEP já organizou um Ciclo de Conferências dedicado ao *Sintoma Psicanalítico Nas Estruturas Clínicas* (1995-96), Seminários sobre Freud, Klein, Winnicott e Lacan (1995-2000), várias palestras a propósito da psicanálise e das suas conexões com as letras, as artes e as ciências, e seis Jornadas de Estudo, consagradas respectivamente aos *Cem Anos Do Sonho Da Injecção Dada A Irma* (Maio 1995), aos *Poderes Da Palavra Na Psicanálise* (Maio 1996), ao *Sintoma Na Civilização* (Maio 1997), a *Por Mares Nunca Dantes Navegados* (Junho 1998), à *Arte E Psicanálise* (Maio 1999) e à *Clínica Do Gozo* (Junho 2000), cujas Actas são publicadas pelas Edições Universitárias Lusófonas.

Após um desafio lançado pelo Reitor da ULHT, o Prof. Doutor Fernando Santos Neves, foi ainda o CEP que elaborou o projecto do primeiro Curso de Pós-Graduação em Psicanálise do nosso país, *curso* doravante aberto a todos os licenciados, mas visando sobretudo o aperfeiçoamento da formação teórica do psicanalista e do psicólogo clínico.

O trabalho teórico do CEP tem-se centrado na crise que a psicanálise provoca na ciência e consciência contemporâneas. Como tal, tem salientado o corte epistemológico do discurso do analista — ilustrado pelo que Freud chamava a terceira ferida narcísica provocada na humanidade após Copérnico e Darwin —, a partir da hipótese do inconsciente e da teoria das pulsões. Ao separar com o gume afiado destes dois conceitos fundamentais, a psicanálise da ciência e da filosofia modernas, assim com da psicologia geral, o CEP teve também o cuidado de aprofundar o estudo das condições de possibilidade da *talking cure*, isto é, a função e o campo da fala e da linguagem na transferência.

O problema geral reside no seguinte: enquanto a psiquiatria farmacológica vai introduzindo substâncias químicas no espaço somato-psíquico, e a psicologia comportamental intervindo nele com métodos de tratamento empiricamente válidos, ou provavelmente eficazes, a fim de adaptar a reacção ao estímulo e o indivíduo ao meio, a psicanálise ocupa-se preferencialmente do elemento significativo que conduz à adopção de comportamentos por um sujeito que, fundamentalmente, não se equilibra com nada nem se adapta a ninguém.

² Cfr. <http://mpeneda.tripod.com/acfportugal>

Assim, contrariamente a todos os que pedem hoje à Ciência a chave para os seus problemas, o CEP tem-se interessado sobretudo pelas logopráticas, dado que a linguagem é o princípio do Homem e do seu mundo, por isso o que constitui a especificidade da sua causalidade psíquica.

É particularmente aos efeitos inapercebidos da linguagem sobre o corpo sexuado e mortal do ser humano, e à *Clínica do gozo* que estes efeitos exigem, que o CEP dedicou o seu último Seminário e Jornada de Estudos, porque é desta *praxis* que espera o seu bilhete para o século XXI.